

SULCO

JOSEMARIA ESCRIVÁ

SULCO

6ª edição

Tradução
Emérico da Gama



QUADRANTE

Título original
Surco

Copyright © 2026 by Fundación Studium

Com aprovação eclesiástica

Capa: Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Escrivá de Balaguer, Josemaria, 1902-1975.

Sulco / Josemaria Escrivá ; tradução Emérico da Gama. – 6ª ed. – São Paulo :
Quadrante, 2026.

Tradução de: *Surco*

ISBN: 978-65-287-0161-2

1. Espiritualidade 2. Meditações 3. Oração 4. Vida cristã 5. Virtudes I.
Título.

CDD-248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã : Guia para católicos romanos : Cristianismo 248.482

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 | Tel.: 11 3873-2270

01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

7	<i>Apresentação</i>
13	<i>O Autor</i>
17	<i>Prólogo do Autor</i>
19	Generosidade
27	Respeitos humanos
31	Alegria
41	Audácia
47	Lutas
59	Pescadores de homens
69	Sufrimento
75	Humildade
81	Cidadania
87	Sinceridade
91	Lealdade
97	Disciplina
105	Personalidade
111	Oração

119	Trabalho
129	Frivolidade
133	Naturalidade
137	Veracidade
145	Ambição
151	Hipocrisia
155	Vida interior
165	Soberba
171	Amizade
179	Vontade
185	Coração
191	Pureza
195	Paz
201	O Além
207	A língua
213	Propaganda
217	Responsabilidade
225	Penitência
229	<i>Índice de textos da Sagrada Escritura</i>
233	<i>Índice por pontos de textos da Sagrada Escritura</i>
237	<i>Índice analítico</i>

APRESENTAÇÃO

Já em 1950 o Servo de Deus* Josemaria Escrivá prometia ao leitor, no prólogo da 7a. edição castelhana de Caminho, um novo encontro em outro livro – Sulco – **que penso entregar-te dentro de poucos meses.** Este desejo do Fundador do Opus Dei torna-se realidade agora, no décimo primeiro aniversário do seu trânsito para o Céu.

Realmente, Sulco podia ter saído a público há muitos anos. Em várias ocasiões, Mons. Escrivá esteve a ponto de enviá-lo à tipografia, mas aconteceu o que costumava dizer com palavras de um velho refrão castelhano: Não se pode tocar o sino e andar na procissão. O seu intenso trabalho fundacional, as suas tarefas de governo à testa do Opus Dei, a sua extensíssima atividade pastoral com tantas almas e outras mil tarefas a serviço da Igreja, impediram-no de fazer uma última revisão sossegada do manuscrito. No entanto, Sulco estava concluído – faltando apenas ordenar numericamente os papéis e a revisão estilística final, não levada a cabo – havia já algum tempo, inclusive com os títulos dos diversos capítulos que o integram.

(*) À época em que este prólogo foi escrito já se tinha iniciado o processo de canonização de São Josemaría. Foi beatificado em 17-V-1992 e canonizado em 6-X-2002, por João Paulo II (N. do T.).

Tal como Caminho – livro que alcançou já uma tiragem superior a três milhões de exemplares, e que foi traduzido para mais de trinta línguas –, Sulco é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá. Foi escrito com a intenção de fomentar e facilitar a oração pessoal. Seu gênero e seu estilo não são, pois, os dos tratados teológicos sistemáticos, embora a sua rica e profunda espiritualidade encerre uma elevada teologia.

Sulco quer alcançar a pessoa inteira do cristão – corpo e alma, natureza e graça –, e não apenas a inteligência. Por isso, não tem por fonte unicamente a reflexão, mas a própria vida cristã: reflete as ondas de movimento e de quietude, de energia espiritual e de paz, que a ação do Espírito Santo foi imprimindo na alma do Servo de Deus e nas dos que o rodeavam. Spiritus, ubi vult, spirat, o Espírito sopra onde quer, e traz consigo uma profundidade e harmonia de vida inigualáveis, que não se podem – nem se devem – aprisionar nos estreitos limites de um esquema feito em termos humanos.*

*Aí está o porquê da metodologia deste livro. Mons. Escrivá nunca quis em campo algum – e menos ainda nas coisas de Deus – fazer primeiro a roupa para depois meter nela, à força, a criatura. Pelo seu respeito à liberdade de Deus e à dos homens, preferia ser um observador atento, capaz de reconhecer os dons de Deus. Ouvi-o dizer muitas vezes, quando chegava a um novo país ou se reunia com um novo grupo de pessoas: **Eu vim aqui para aprender.** E aprendia: aprendia de Deus e das almas, e a sua aprendizagem convertia-se, para os que o rodeávamos, num contínuo ensinamento.*

*Extraídas da sua ampla experiência de almas, as considerações do Fundador do Opus Dei fazem desfilar neste livro um conjunto de qualidades que devem reluzir na vida dos cristãos: generosidade, audácia, alegria, sinceridade, naturalidade, lealdade, amizade, pureza, responsabilidade... A simples leitura dos títulos do índice permite descobrir o amplo panorama de perfeição humana – **virtudes de homem***

(*) Ioann. III, 8.

(*Prólogo*) – *que Mons. Escrivá descobre em Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem**.

*Jesus é o Modelo acabado do ideal humano do cristão, pois Cristo Redentor revela plenamente o homem ao próprio homem**.* *Valham como resumo de todas estas virtudes as palavras com que o Autor de Sulco dá graças a Nosso Senhor por ter querido fazer-se* **perfeito Homem, com um Coração amante e amabilíssimo, que ama até à morte e sofre; que se enche de gozo e de dor; que se entusiasma com os caminhos dos homens, e nos mostra aquele que conduz ao Céu; que se submete heroicamente ao dever, e se guia pela misericórdia; que vela pelos pobres e pelos ricos; que cuida dos pecadores e dos justos...** (n. 813).

O que aparece nestas páginas é a própria vida do cristão, na qual – ao passo de Cristo – o divino e o humano se entrelaçam sem confusão, mas sem solução de continuidade. **Não esqueças que as minhas considerações, por muito humanas que te pareçam, já que as escrevi – e até vivi – para ti e para mim de olhos postos em Deus, não de ser por força sacerdotais (*Prólogo*). São virtudes humanas de um cristão, e precisamente por isso se mostram em toda a sua plenitude, desenhando o perfil do homem e da mulher amadurecidos, com a maturidade própria de um filho de Deus, que é consciente de que seu Pai está perto dele: Não queiramos enganar-nos... – Deus não é uma sombra, um ser longínquo, que nos cria e depois nos abandona; não é um amo que se vai e não volta mais [...]. Deus está aqui, conosco, presente, vivo: Ele nos vê, nos ouve, nos dirige, e contempla as nossas menores ações, as nossas intenções mais escondidas** (n. 658).

Mons. Escrivá apresenta assim as virtudes à luz do destino divino do homem. O capítulo O Além situa o leitor nessa perspectiva, tirando-o de uma lógica exclusivamente terrena

(*) Símbolo *Quicumque*.

(**) João Paulo II, *Litt. enc. Redemptor hominis*, 4-III-1979, n. 10.

*para ancorá-lo na lógica eterna (cfr. n. 879). Deste modo, as virtudes humanas do cristão colocam-se muito acima das virtudes meramente naturais: são **virtudes dos filhos de Deus**. A consciência da sua filiação divina há de informar todo o viver do homem cristão, que encontra em Deus a razão e a força do seu empenho por melhorar, também humanamente: **Antes eras pessimista, indeciso e apático. Agora estás totalmente transformado: sentes-te audaz, otimista, seguro de ti mesmo..., porque afinal te decidiste a buscar o teu apoio somente em Deus** (n. 426).*

*Um outro exemplo de como as virtudes humanas do cristão lançam raízes divinas é o sofrimento. Em face das penas desta vida, a fortaleza cristã não se confunde com um suportar estoicamente a adversidade, antes se converte – com o olhar posto na Cruz de Cristo – em fonte de vida sobrenatural, porque **esta foi a grande revolução cristã: converter a dor em sofrimento fecundo; fazer, de um mal, um bem** (n. 887). Mons. Escrivá sabe ver a ação de Deus por trás da dor, tanto nesta vida – **Deixa-te lapidar, com agradecimento, porque Deus te tomou nas suas mãos como um diamante** (n. 235) – como depois da morte: **O purgatório é uma misericórdia de Deus, para limpar os defeitos daqueles que desejam identificar-se com Ele** (n. 889).*

*As virtudes humanas não aparecem nunca como algo acrescentado à existência humana: formam, com as virtudes sobrenaturais e os dons do Espírito Santo, o entrançado da vida diária dos filhos de Deus. A graça penetra a natureza no mais íntimo, para sará-la e divinizará-la. Se, como consequência do pecado original, o humano não chega à sua plenitude sem a graça, não é menos verdade que esta não aparece justaposta e como que atuando à margem da natureza; ao contrário, faz acender nela as suas melhores perfeições, para poder divinizar-la. Mons. Escrivá não concebe que possamos viver à maneira divina sem sermos muito humanos, e este passo é a primeira vitória da graça. Por isso concede tanta importância às virtudes humanas, cuja ausência determina o fracasso da própria vida cristã: **São muitos os cristãos que seguem Cristo, pasmados***

ante a sua divindade, mas O esquecem como Homem..., e fracassam no exercício das virtudes sobrenaturais – apesar de toda a armação externa de piedade –, porque não fazem nada por adquirir as virtudes humanas (n. 652).

Este sentido entranhadamente humano da vida cristã esteve sempre presente na pregação e nos escritos do Fundador do Opus Dei. Não gostava dos espiritualismos desencarnados, porque – assim costumava repetir – o Senhor nos fez homens, e não anjos, e é como seres humanos que temos de nos comportar.

*A doutrina de Mons. Escrivá unifica os aspectos humanos e divinos da perfeição cristã, como não pode deixar de acontecer quando se conhece com profundidade e se ama e se vive apaixonadamente a doutrina católica sobre o Verbo encarnado. Em Sulco ficam firmemente traçadas as consequências práticas e vitais dessa gozosa verdade. O seu autor vai delineando o perfil do cristão que vive e trabalha no meio do mundo, comprometido nos ideais nobres que animam os demais homens e, ao mesmo tempo, totalmente projetado em direção a Deus. O retrato que daí resulta é sumamente atrativo. O homem cristão é sereno e equilibrado de caráter (n. 417), e por isso sabe dar as notas da vida corrente, aquelas que habitualmente os outros escutam (n. 440). Está dotado de vontade inflexível, fé profunda e piedade ardente (n. 417), e põe ao serviço dos demais homens as qualidades de que está adornado (cfr. n. 422). A sua mentalidade, universal, tem as seguintes características: **amplidão de horizontes e um aprofundamento enérgico no que é permanentemente vivo na ortodoxia católica; empenho reto e sadio – nunca frivolidade – em renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da história...; uma cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; e uma atitude positiva e aberta ante a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida (n. 428).***

Em aberto contraste com este retrato, Mons. Escrivá desenha também as características do homem frívolo, privado de verdadeiras virtudes, que é como uma cana agitada pelo

vento* do capricho ou do comodismo. A sua desculpa típica é: Não gosto de comprometer-me com nada (n. 539); e a sua existência transcorre no mais desolador dos vazios. Frivolidade que, de um ponto de vista cristão, tem também outros nomes: **matreice, tibieza, “malandragem”, falta de ideais, aburguesamento** (n. 541).

Ao diagnóstico da doença segue-se a indicação do remédio. Nada aperfeiçoa tanto a personalidade como a correspondência à graça (n. 443); e se oferece depois ao leitor um conselho concreto bem seguro: **Procura imitar a Santíssima Virgem, e serás homem – ou mulher – de uma só peça** (n. 443). Junto de Jesus, o cristão descobre sempre a sua Mãe, Santa Maria, e a Ela recorre em todas as suas necessidades: para imitá-la, para frequentar o seu trato, para acolher-se à sua intercessão poderosa. Está carregado de sentido o fato de todos os capítulos de Sulco terminarem com um pensamento relativo à Santíssima Virgem: qualquer esforço cristão por crescer em virtude conduz à identificação com Jesus Cristo, e não há para isso caminho mais seguro e direto que a devoção a Maria. Ainda me parece estar ouvindo a voz do Servo de Deus, num dos meus primeiros encontros com ele, explicando-me gozoso que **a Jesus sempre se vai e se volta por Maria.**

Roma, 26 de junho de 1986
Álvaro del Portillo

(*) *Math.* XI, 7.

O AUTOR

São Josemaria Escrivá nasceu em Barbastro (Espanha), no dia 9 de janeiro de 1902. Em 1918 começou os estudos eclesiásticos no Seminário de Logroño, prosseguindo-os depois no de São Francisco de Paula, em Saragoça. Entre 1923 e 1927 estudou também Direito Civil na Universidade de Saragoça. Recebeu a ordenação sacerdotal em 25 de março de 1925. Iniciou o seu ministério sacerdotal na paróquia de Perdiguera, continuando-o depois em Saragoça.

Na primavera de 1927 mudou-se para Madri, onde realizou um infatigável trabalho sacerdotal em todos os ambientes, dedicando também a sua atenção aos pobres e desvalidos dos bairros mais distantes, especialmente doentes incuráveis e moribundos dos hospitais. Aceitou o cargo de capelão do Patronato dos Enfermos, trabalho assistencial das Damas Apostólicas do Sagrado Coração, e foi professor em uma academia universitária, enquanto fazia o doutorado em Direito Civil.

No dia 2 de outubro de 1928, o Senhor fez-lhe ver o Opus Dei (Obra de Deus). Em 14 de fevereiro de 1930 compreendeu – por inspiração divina – que devia estender o apostolado do Opus Dei também às mulheres. Abria-se assim na Igreja um caminho novo, destinado a promover entre pessoas de todas as classes sociais a procura da santidade e o exercício do apostolado, mediante a santificação do trabalho de cada dia no meio do mundo. No dia 14 de fevereiro de 1943, fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei.

Além de permitir a ordenação sacerdotal de membros leigos do Opus Dei e a sua incardinação a serviço da Obra, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz viria a permitir mais tarde que os sacerdotes incardinados nas dioceses pudessem participar do espírito e da ascética do Opus Dei, buscando a santidade no exercício dos seus deveres ministeriais, em dependência exclusiva do seu respectivo Bispo. O Opus Dei foi erigido em Prelazia pessoal por São João Paulo II no dia 28 de novembro de 1982: era a forma jurídica prevista e desejada por São Josemaria Escrivá.

Em 1946 Mons. Escrivá passou a residir em Roma, onde permaneceu até o fim da vida. Dali estimulou e orientou a difusão do Opus Dei por todo o mundo, dedicando-se a dar aos homens e mulheres da Obra e a muitas outras pessoas uma sólida formação doutrinal, ascética e apostólica. Por ocasião da sua morte, o Opus Dei contava mais de 60.000 membros de oitenta nacionalidades.

São Josemaria Escrivá faleceu em 26 de junho de 1975. Havia anos, oferecia a Deus a sua vida pela Igreja e pelo Papa. Seu corpo repousa no altar da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, na sede central da Prelazia do Opus Dei. A fama de santidade que Fundador do Opus Dei já tinha em vida foi-se estendendo após a sua morte por todos os cantos do mundo, como mostram os abundantes testemunhos de favores espirituais e materiais que se atribuem à sua intercessão, entre eles algumas curas medicamente inexplicáveis. São João Paulo II canonizou Josemaria Escrivá no dia 6 de outubro de 2002.

Entre seus escritos publicados, contam-se, além do estudo teológico-jurídico *La Abadesa de Las Huelgas*, livros de espiritualidade traduzidos para numerosas línguas: *Caminho, Santo Rosário, É Cristo que passa, Amigos de Deus, Via Sacra, Sulco, Forja* e *Em diálogo com o Senhor*. Sob o título *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá* publicaram-se também algumas entrevistas que concedeu à imprensa. Uma ampla documentação sobre São Josemaria pode ser encontrada em www.escrivaworks.org.br, em www.opusdei.org e em www.josemariaescriva.info.

Deixa-me, leitor amigo,
que tome a tua alma
e a faça contemplar virtudes de homem:
a graça opera sobre a natureza.

Mas não esqueças
que as minhas considerações,
por muito humanas que te pareçam,
já que as escrevi — e até vivi —
para ti e para mim de olhos em Deus,
hão de ser por força sacerdotais.

Oxalá estas páginas
a tal ponto sirvam de proveito
— assim o peço a Nosso Senhor —
que nos melhorem
e nos movam a deixar nesta vida,
com as nossas obras,
um *sulco* fecundo.

GENEROSIDADE

1 São muitos os cristãos persuadidos de que a Redenção se realizará em todos os ambientes do mundo, e de que deve haver almas – não sabem quais – que com Cristo contribuam para realizá-la. Mas eles a veem a um prazo de séculos, de muitos séculos...; seria uma eternidade, se se levasse a cabo ao passo da sua entrega.

Assim pensavas tu, até que vieram “acordar-te”.

2 A entrega é o primeiro passo de uma veloz caminhada de sacrifício, de alegria, de amor, de união com Deus. – E assim, toda a vida se enche de uma bendita loucura, que faz encontrar felicidade onde a lógica humana só vê negação, padecimento, dor.

3 “Peça por mim – dizias –: que eu seja generoso, que progrida, que chegue a transformar-me de tal modo que algum dia possa ser útil em alguma coisa”.

Muito bem. – Mas, que meios empregas para que esses propósitos se tornem eficazes?

4 Muitas vezes te perguntas por que certas almas, que tiveram a ventura de conhecer o verdadeiro Jesus desde crianças,

vacilam tanto em corresponder com o melhor que possuem: a vida, a família, os sonhos.

Olha: tu, precisamente por teres recebido “tudo” de golpe, tens obrigação de mostrar-te muito agradecido ao Senhor: tal como reagiria um cego que recuperasse a vista de repente, enquanto aos outros nem lhes passa pela cabeça que devem dar graças porque veem.

Mas... não é suficiente. Todos os dias, tens que ajudar os que te rodeiam, para que se comportem com gratidão pela sua condição de filhos de Deus. Senão, não me digas que és agradecido.

5 Medita devagar: é muito pouco o que se me pede, para o muito que se me dá.

6 Tu, que não acabas de “deslanchar”, considera o que me escrevia um teu irmão: “Custa, mas uma vez tomada a «decisão», que suspiro de felicidade ao encontrar-me seguro no caminho!”

7 Estes dias – comentavas-me – transcorreram mais felizes do que nunca. E te respondi sem vacilar: foi porque “viveste” um pouco mais entregue do que habitualmente.

8 A chamada do Senhor – a vocação – apresenta-se sempre assim: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me”.

Sim, a vocação exige renúncia, sacrifício. Mas como se torna prazeroso o sacrifício – «gaudium cum pace», alegria e paz –, se a renúncia é completa!

9 Quando lhe falaram de comprometer-se pessoalmente, a sua reação foi raciocinar assim: “Nesse caso, poderia fazer isto..., teria que fazer aquilo...”

– Responderam-lhe: “Aqui não pechinchamos com o Senhor. A lei de Deus, o convite do Senhor, ou se pega ou se larga, tal como é. É preciso decidir-se: ou ir para a frente, sem nenhuma reserva e com muito ânimo, ou retirar-se. «Qui non est mecum...» – quem não está comigo, está contra Mim”.

10 Da falta de generosidade à tibieza não vai senão um passo.

11 Para que não o imites, copio de uma carta este exemplo de covardia: “Naturalmente, agradeço-lhe muito que se lembre de mim, porque preciso de muitas orações. Mas também agradeceria que, ao suplicar ao Senhor que me faça «apóstolo», não se esforçasse em pedir-Lhe que me exija a entrega da minha liberdade”.

12 Aquele teu conhecido, muito inteligente, bom burguês, boa gente, dizia: “Cumprir a lei, mas com medida, sem passar da risca, o mais estritamente possível”.

E acrescentava: “Pecar? Não; mas dar-se, também não”.

Dão verdadeira pena esses homens mesquinhos, calculistas, incapazes de sacrificar-se, de entregar-se por um ideal nobre.

13 É preciso pedir-te mais: porque podes dar mais, e deves dar mais. Pensa nisto.

14 “É muito difícil”, exclamas desanimado.

– Escuta: se lutas, basta-te a graça de Deus. Prescindirás dos interesses pessoais, servirás os outros por Deus, e ajudarás a Igreja no campo onde hoje se trava a batalha: na rua, na fábrica, na oficina, na universidade, no escritório, no teu ambiente, no meio dos teus.

15 Escreveste-me: “No fundo, é sempre a mesma coisa: muita falta de generosidade. Que pena e que vergonha descobrir o caminho e permitir que umas nuvenzinhas de pó – inevitáveis – turvem o final!”

Não te zangues se te digo que és tu o único culpado: arremete valentemente contra ti mesmo. Tens meios mais do que suficientes.

16 Quando o teu egoísmo te afasta da comum preocupação pelo bem-estar sadio e santo dos homens, quando te fazes calculista e não te comoves com as misérias materiais ou morais do teu próximo, obrigas-me a lançar-te em rosto uma palavra muito forte, para que reajas: se não sentes a bendita fraternidade com os teus irmãos, os homens, e vives à margem da grande família cristã, és um pobre enjeitado.

17 O cume? Para uma alma que se entrega, tudo se converte em cume por alcançar: cada dia descobre novas metas, porque nem sabe nem quer pôr limites ao Amor de Deus.

18 Quanto mais generoso fores – por Deus –, mais feliz serás.

19 Com frequência surge a tentação de querermos reservar um pouco de tempo para nós mesmos...

Aprende de uma vez por todas a pôr remédio a tanta pequenez, retificando imediatamente.

20 Eras da turma do “tudo ou nada”. E como nada podias..., que desastre!

Começa a lutar com humildade, para reavivar essa tua pobre entrega, tão tacanha, até a tornares “totalmente” efetiva.

21 Nós, os que nos dedicamos a Deus, nada perdemos.

22 Gostaria de gritar ao ouvido de tantas e de tantos: não é sacrifício entregar os filhos ao serviço de Deus: é honra e alegria.

23 Chegou para ele o momento da dura provação, e veio procurar-te desconsolado.

– Lembras-te? Para ele – o amigo que te dava conselhos “prudentes” –, o teu modo de proceder não era senão utopia, fruto de ideias deformadas, captação de vontades, e... “sutilezas” do mesmo jaez.

– “Esse entregar-se ao Senhor – sentenciava – é uma exacerbação anormal do sentimento religioso”. E, com a sua pobre lógica, pensava que entre ti e a tua família se havia interposto um estranho: Cristo.

Agora compreendeu o que tantas vezes lhe repetias: Cristo jamais separa as almas.

24 Eis uma tarefa urgente: sacudir a consciência dos que crêem e dos que não creem – organizar uma leva de homens de boa vontade –, com o fim de que cooperem e proporcionem os instrumentos materiais necessários para trabalhar com as almas.

25 Esse demonstra muito entusiasmo e compreensão. Mas quando vê que se trata “dele”, que é “ele” que tem de contribuir a sério, retira-se covardemente.

Lembra-me aqueles que, em momento de grave perigo, gritavam com falsa valentia: “Guerra, guerra!”, mas nem queriam dar dinheiro, nem alistar-se para defender a pátria.

26 Dá pena ver como alguns entendem a esmola: uns tostões ou um pouco de roupa velha. Parece que não leram o Evangelho.

Não andeis com cautelas: ajudai as pessoas a formar-se com a fé e a fortaleza suficientes para se desprenderem generosamente, em vida, daquilo que lhes é necessário.

– Aos molengões, explicai-lhes que é pouco nobre e pouco elegante, mesmo do ponto de vista terreno, esperar pelo fim, quando forçosamente já não podem levar nada consigo.

27 “Quem empresta, que não cobre; se cobra, que não seja tudo; se tudo, que não seja tal; se tal, inimigo mortal”.

Que fazer?... Dar! Sem cálculo, e sempre por Deus. Assim viverás, também humanamente, mais perto dos homens, e contribuirás para que haja menos ingratos.

28 Vi rubor no rosto daquele homem simples, e quase lágrimas em seus olhos: prestava generosamente a sua colaboração em obras boas, com o dinheiro honesto que ele mesmo ganhava, e soube que os “bons” apodavam de bastardas as suas ações.

Com ingenuidade de neófito nestas batalhas de Deus, sussurrava: “Estão vendo que me sacrifico... e ainda me sacrificam!”

– Falei-lhe devagar. Beijou o meu Crucifixo, e a sua natural indignação transformou-se em paz e alegria.

29 Não sentes uma vontade louca de tornar mais completa, mais “irremediável” a tua entrega?

30 Como é ridícula a atitude dos pobrezinhos dos homens, quando uma vez e outra negamos bagatelas ao Senhor! Passa o tempo, as coisas vão-se vendo com o seu verdadeiro relevo..., e nascem a vergonha e a dor.

31 «Aure audietis, et non intelligenetis: et videntes videbitis, et non perspicientis». Palavras claras do Espírito Santo: ouvem com os seus próprios ouvidos, e não entendem; olham com os seus olhos, mas não enxergam.

Por que te inquietas, se alguns, “vendo” o apostolado e conhecendo a sua grandeza, não se entregam? Reza tranquilo, e persevera no teu caminho: se esses não se lançam, outros virão!

32 Desde que Lhe disseste “sim”, o tempo vai mudando a cor do teu horizonte – cada dia mais belo –, que brilha mais amplo e luminoso. Mas tens de continuar a dizer “sim”.

33 A Virgem Santa Maria, Mestra de entrega sem limites. – Lembras-te? Com palavras que eram um louvor dirigido a Ela, Jesus Cristo afirma: “Aquele que cumpre a Vontade de meu Pai, esse – essa – é minha mãe!...”

Pede a esta Mãe boa que ganhe força na tua alma – força de amor e de libertação – a sua resposta de generosidade exemplar: «Ecce ancilla Domini» – eis a escrava do Senhor.